

“Minha vida mudou bastante com a Feira Agroecológica”, ressalta Dona Jonalice. “Antes eu não tinha o conhecimento sobre agrotóxico, eu comprava só por boniteza achando que tava tudo bem, mas sem saber que estava contaminado. Hoje eu tenho o conhecimento e passo para os clientes. De vez em quando participamos de outras Feiras, em outros municípios, participamos de seminários e também de intercâmbios para visitar hortas. É muito importante participar dessas atividades, pois ficamos mais informados e ganhamos mais conhecimento, e também fico muito contente de saber que não é só o nosso grupo que luta por uma saúde melhor e saudável”, diz.

Conscientização Ambiental



“No nosso quintal temos feijão, quiabo, maxixe, abóbora, pimentão, couve, alface, coentro, cebolinha e tudo aquilo que temos certeza que é saudável para nós e para os outros, pois não usamos veneno”, diz Seu Gilson. “Aqui em casa não compramos nada que tem aquele desenho da caverinha, pois aquilo é puro veneno. Mudamos nossa qualidade de vida, mudou nossa alimentação que agora é tudo saudável e também mudou nossa renda”, diz.

Sobre o agrotóxicos Dona Jonalice diz que guarda o que aprendera do seu pai desde o tempo de criança. “Meu pai plantava e era contra qualquer tipo de agrotóxico. Ele já se preocupava com o natural e usava até esterco do gado como adubo. Isso eu aprendi desde cedo e também fiz cursos que conscientiza a gente sobre a saúde e o uso de produtos naturais. Temos que proteger a natureza”, declara.

O casal que faz questão de falar da sua rotina diária que inicia bem cedo tirando o leite para o café da manhã, colocando alimentos para as galinhas e porcos e ração para os outros animais, plantando, colhendo ou cuidando da horta, consertando cercas ou destocando pastos, ainda tem uma preocupação com a comunidade onde vivem: “Tem gente na comunidade que ainda não tem cisterna e o pior que tem gente com cisterna de plástico que sabemos que a água armazenada ali não fica saudável como a cisterna de placa igual a nossa. Precisamos conscientizar esse povo a não aceitar essa cisterna de plástico”, diz Dona Jonalice preocupada com sua comunidade que ainda carrega consigo tradições como o samba de roda, bumba meu boi, rezas para São Lourenço o padroeiro, para os santos Cosme e Damião, além das festas juninas e a tradicional festa do vaqueiro.

De mãos dadas Dona Jonalice e Seu Gilson transformam os desafios em cores e sabores



“Aqui em casa não compramos nada que tem aquele desenho da caverinha, pois aquilo é puro veneno. Mudamos nossa qualidade de vida, mudamos nossa alimentação que agora é tudo saudável e também mudou nossa renda”

Gilson Roseval Carneiro dos Santos, 54 anos, agricultor familiar

“Ali é a nossa empresa, é onde me divirto também e onde me esqueço de tudo até chegar a hora do almoço”,

declara Seu Gilson Roseval Carneiro dos Santos, 54 anos, ao descrever a horta da família localizada no quintal da casa onde vive com sua esposa Jonalice de Santana Santos, 47 anos e com quem teve seus quatro filhos Juniéia, Gilson Júnior, Nilmar e Camila.



Camila segue os pais no fortalecimento da agricultura familiar

Até a construção da atual horta que o casal tanto se orgulha, muitos foram os desafios e conquistas. O maior deles era a falta de orientação de como sobreviver a longos períodos de secas comuns na Bahia, especialmente na região da Fazenda Lajedo Grande, instalada em 4,9 hectares de terras herdadas do pai de Jonalice, na comunidade de São Lourenço, em Riachão do Jacuípe. Ali nasceram, foram criados e constituíram família que já lhes presenteou quatro netinhos.

Com a conquista das duas cisternas, primeiro a de consumo em 2010 e dois anos depois a cisterna enxurrada, puderam contar com a assessoria do Movimento de Organização Comunitária (MOC) através da assistência técnica e de cursos sobre Convivência com o Semiárido, Gestão da Água para a Produção de Alimentos e de Sistema Simplificado de Manejo da Água, além de outras ações resultantes do Programa uma Terra e Duas Águas (P1+2) promovido pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), como cursos de alimentação saudável.

Cursos

“Nos cursos aprendi como cuidar da cisterna, formas de trabalhar o adubo natural, o manejo, como fazer canteiros, tudo sobre canteiro econômico e muitas outras coisas”, declara Seu Gilson que começa a reviver o passado de antes da instalação das cisternas na propriedade da família: “Antes das cisternas a gente bebia água de cacimba, não tinha como ter horta apesar da gente tentar molhando com água no balde, mas a água era muito difícil de ter, vinha de longe no carro pipa e quando vinha era às 2 horas da manhã e logo acabava porque todo mundo queria. Um sofrimento!”, lembra.



A cisterna incentivou a manutenção de uma horta no quintal da casa e também a criação de animais como galinhas e porcos.

Convivência com o Semiárido

Dona Jonalice também comenta sobre esse período de dificuldades pela falta d'água: “Aqui em Riachão até hoje é assim: chove muito num mês só e depois leva meses e meses sem chuva nenhuma. Antigamente já buscamos água no lombo do cavalo em outras comunidades, tinha que acordar umas 2 horas da manhã para pegar e também participamos de frente de trabalho para sobreviver”, ressalta. “Com o tempo e com orientação aprendemos a conviver com a seca. Aprendemos que seca não se combate, se convive, pois ela não vai acabar.

Então armazenamos nossa água para cuidar da horta e para nosso consumo e plantamos palma para nossos bichinhos para a época da seca”, ressalta.

O trabalho desenvolvido na região não era novidade para o casal. Dona Jonalice que sempre participou do Movimento de Mulheres teve seu primeiro contato com a instituição muito antes de receber as cisternas. “Mais ou menos em 2005 conheci as atividades do MOC quando participei junto com outras mulheres de cursos com palha de sisal, pintura em tecido, e tempos mais tarde continuei com cursos de sequilhos, soberania alimentar e outros que nem lembro agora”, diz. Esse aprendizado incentivou Dona Jonalice a ingressar no Grupo de Produção “Arte Mulher” que hoje comercializa artesanato e sequilhos e que integra a Rede de Produtoras da Bahia. “Já fizemos muitas viagens juntas. Sempre estou conhecendo lugares que nunca imaginei ir como o Rio Grande do Norte.



A palma é resistente à época da seca e serve de alimento para os animais

Agricultura Familiar e Economia Solidária

Líder comunitária, participante do Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais e hoje presidente da Associação Comunitária de São Lourenço, o que não lhe falta é garra de nordestina, mãe e avó. Junto ao seu esposo Gilson tem galgado voos mais altos. O mais recente deles é a participação aos sábados na Feira da Agricultura Familiar instalada no centro de Riachão do Jacuípe e onde promovem a agricultura familiar com foco na economia solidária comercializando seus produtos oriundos da horta que Seu Gilson orgulhosamente chama de empresa e diversão. “Saímos daqui às cinco e meia da manhã e quando chegamos lá na Feira já tem até gente esperando para comprar. Mesmo chegando atrasado o povo espera”, comemora.



Ao final da Feira são realizadas trocas dos produtos entre os agricultores/as, além de doações para instituições filantrópicas